

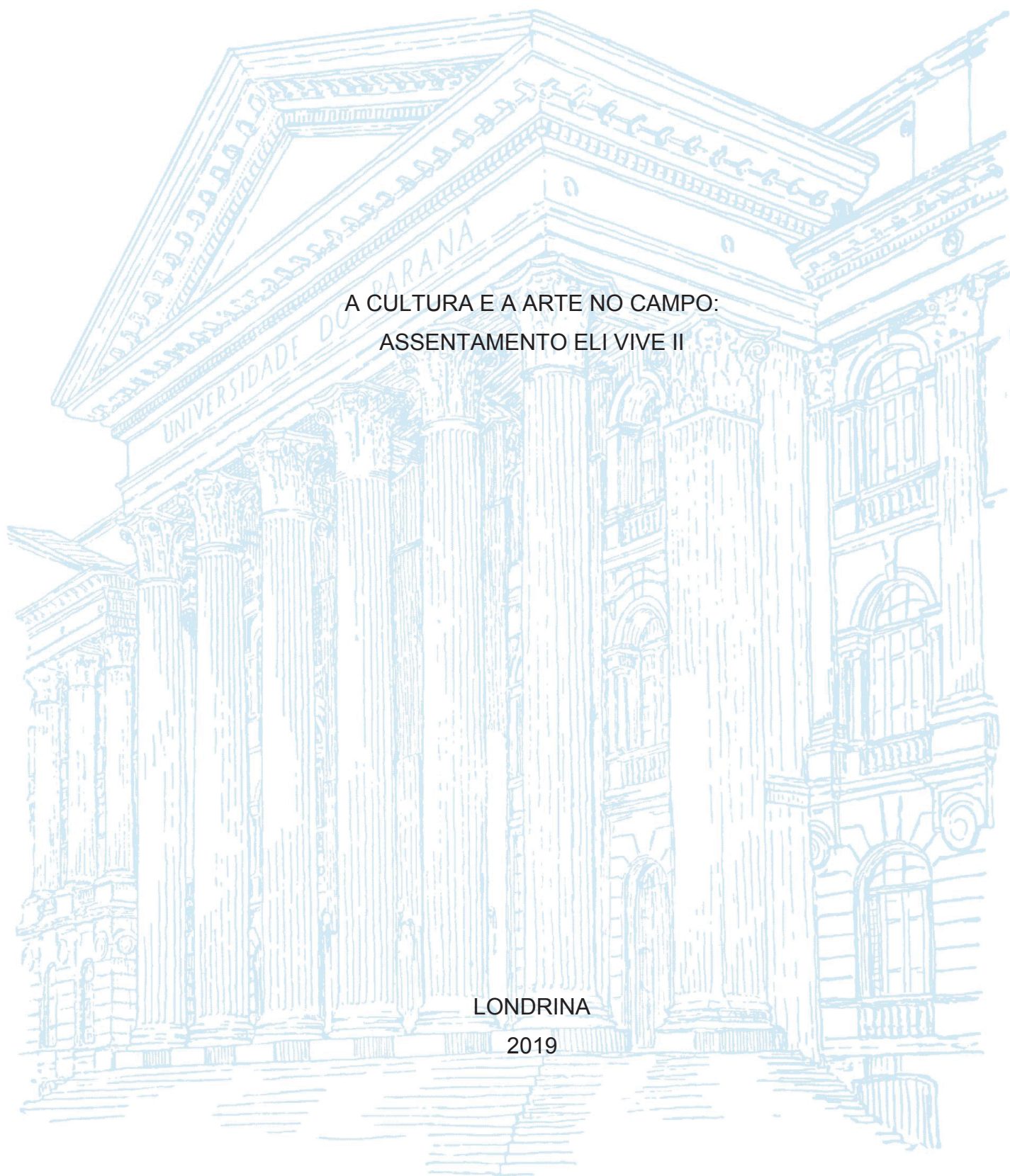
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

VANESSA CORREA

A CULTURA E A ARTE NO CAMPO:
ASSENTAMENTO ELI VIVE II

LONDRINA

2019



VANESSA CORREA

A CULTURA E A ARTE NO CAMPO:
ASSENTAMENTO ELI VIVE II

Artigo apresentado como requisito parcial para a conclusão do Curso de Especialização em Educação do Campo e Realidade Brasileira a partir de seus Pensadores, da Universidade Federal do Paraná, Setor Litoral.

Orientadora: Profa. Dra. Ândrea Francine Batista

LONDRINA

2019



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SETOR LITORAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EDUCAÇÃO DO CAMPO E A
REALIDADE BRASILEIRA A PARTIR DE SEUS
PENSADORES - 40001016329E1

TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em EDUCAÇÃO DO CAMPO E A REALIDADE BRASILEIRA A PARTIR DE SEUS PENSADORES da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da Monografia de Especialização de **VANESSA CORREA** intitulada: **A Cultura e a Arte no Campo: Assentamento Eli Vive II**, que após terem inquirido a aluna e realizada a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua APROVAÇÃO no rito de defesa.

A outorga do título de especialista está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

Matinhos, 12 de Outubro de 2019.

ANDREA FRANCINE BATISTA

Presidente da Banca Examinadora (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

LUIS EDUARDO CUNHA THOMASSIM

Avaliador Interno (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

ANA ELISA DE CASTRO FREITAS
Avaliador Interno (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

A CULTURA E A ARTE NO CAMPO: ASSENTAMENTO ELI VIVE 2

Vanessa Correa

RESUMO

O Assentamento Eli Vive II está localizado na área rural de Londrina/PR e se constitui através de muitas lutas e enfrentamentos. Ali como em qualquer lugar se produz arte e cultura e neste artigo podemos reconhecer a formação destes sujeitos e a construção cultural e artística do Assentamento, assim como a compreensão do que é cultura, ação cultural libertadora e os enfrentamentos destes sujeitos em relação a indústria cultural e de massa espalhada pela elite latifundiária e se estes são sujeitos produtores de sua cultura ou meros reprodutores do sistema cultural e artístico deste sistema capitalista, o qual tem uma indústria cultural de massa atuando fortemente no enraizamento de ideias e culturas no cotidiano da população.

Palavras-chave: Cultura, Arte, Identidade Sem Terra.

RESUMEN

El asentamiento de Eli Vive II está ubicado en la zona rural de Londrina / PR y está constituido a través de muchas luchas y confrontaciones. Allí, como en todas partes, se produce arte y cultura y en este artículo Podemos reconocer la formación de estos temas y la construcción cultural y artística del Acuerdo, así como la comprensión de lo que es la cultura, la liberación de la acción cultural y la confrontación de estos temas en relación con la industria cultural. y de diffusion masiva por la élite terrateniente y si son productores de su cultura o simples reproductores del sistema cultural y artístico de este Sistema capitalista, que tiene una industria cultural de masas que actúa fuertemente en las raíces de ideas y culturas en la vida cotidiana de la población.

Palabras clave: Cultura, Arte, Identidad sin tierra.

1 INTRODUÇÃO

Estudar e refletir sobre cultura e arte em um país onde este assunto é pouco valorizado torna-se um grande desafio. Temos infelizmente enraizado em nossa formação social que a cultura e a arte devem ser um assunto de lazer a ser tratado em tempos vagos em meio a um emaranhado de obrigações.

Vivenciamos hoje uma conjuntura político-econômica nada favorável para qualquer que seja o direito do trabalhador pobre neste país. Se economicamente o país passa por sérios problemas, a classe trabalhadora deve dispor de seus sacrifícios para resolver os problemas da pátria. Sendo assim, cortes e reformas atingem diretamente e com maior peso essa classe como, por exemplo, podemos citar a reforma da previdência; a redefinição das leis trabalhistas; o corte das verbas para a educação pública em todos os níveis, inclusive das universidades federais; o contingenciamento de recursos para pesquisas científicas; e o corte de verbas de políticas públicas direcionadas à arte e a cultura. A justificativa apresentada pela elite brasileira intermediada por grandes canais midiáticos é essencialmente que os “privilégios” e “gastos públicos desnecessários” podem quebrar o país.

O caso das modificações na lei Rouanet¹ é emblemático. Após escândalos de falcatruas² envolvendo grandes artistas, tornou-se mal vista pela população que além de muito pouco entender de sua importância para a formação deste país, associou está lei a uma forma de corrupção que deveria ser contida.

O governo do então Jair Messias Bolsonaro modifica esta lei que passa a ser chamada de Lei de Incentivo à Cultura em 24 de abril, na instrução normativa 02, de 2019. Uma das modificações, por exemplo, é o teto por projeto que cai de 60 milhões para 1 milhão, dificultando assim a realização de grandes projetos como os musicais entre tantos outros, processo esse que acaba interferindo inclusive no turismo local.

¹ Lei Rouanet 8313: criada em 23 de dezembro de 1991 pelo então ministro da cultura, Sergio Paulo Rouanet e sancionada pelo presidente Fernando Collor de Mello. Tem por objetivo facilitar o acesso à cultura, apoiar e valorizar as manifestações culturais, preservar bens materiais e imateriais e entre outros.

² Exemplo dessa falcaturia está em reportada no Jornal: oglobo.globo.com sobre grupo investigado por fraude na lei Rouanet recebeu por 243 projetos. Reportagem publicada em 03/07/16.

Infelizmente, cada vez mais o atual governo demonstra pouco entendimento de economia criativa³, e sobre o impacto de projetos culturais para a formação de sujeitos e desenvolvimento do Brasil. Não temos hoje no Brasil a preocupação com a diversidade cultural que faz parte da realidade brasileira. A qual cada vez mais se torna repressiva inclusive com a arte. Exemplo disso são os casos de exposições artísticas em museus que sofreram censuras, o caso do cinema brasileiro que tem sofrido críticas e censuras constantemente, e mesmo o último caso dos livros, recolhimento de livros na bienal do Rio de Janeiro⁴ ou dos livros didáticos em São Paulo⁵ com a justificativa de caráter ideológico da discussão de gênero.

Assim, é fundamental compreender o que é de fato cultura e arte para as populações pobres, para a classe trabalhadora. Discutir se estas populações têm acesso gratuito às grandes manifestações culturais e artísticas, e ainda se têm formação básica para valorização das mesmas. Discutir também, o mais importante, se estes são sujeitos produtores de sua cultura ou meros reprodutores do sistema cultural e artístico deste sistema capitalista, o qual tem uma indústria cultural de massa atuando fortemente no enraizamento de ideias e culturas no cotidiano da população.

Este artigo tem por objetivo analisar especialmente a cultura e a arte dentro de uma área de reforma agrária chamada Assentamento Eli Vive 2, localizado no Estado do Paraná na cidade de Londrina.

A metodologia de pesquisa utilizada para a realização desta pesquisa foi a observação e convivência no assentamento, nas festas, feiras das mulheres, jogo de futebol dos jovens, na escola municipal do assentamento Egidio Brunetto. Visitas e diálogos nas casas dos assentados e descrição dos diálogos pela própria pesquisadora e através de alguns questionários, realizado principalmente com a juventude do Assentamento tendo as seguintes questões; Sua escolaridade? Pretende se especializar em que? Você trabalha? Aonde? Pretende se manter no

³ Economia Criativa busca estabelecer uma relação entre a tecnologia, a inovação, cultura, criatividade e sustentabilidade. É unir economia com criatividade, possuindo como matéria prima o capital intelectual, isto é carregado por valores simbólicos. Assim de um lado temos a economia, que diz respeito a ciência que regula a produção, a distribuição e o consumo de bens e serviços. E, de outro lado, temos a criatividade, que significa ser capaz de criar algo novo ou transformar algo que já existe. (www.politize.com.br ; último acesso: 24/09/2019 às 21:25)

⁴ Mais informação em folha.uol.com.br, Decisão que permitiu recolher livros na Bienal é censura, dizem especialistas, 07.set.2019. Último acesso em 02/10/2019 às 08:49.

⁵ www.redebrasilatual.com.br , MP abre inquérito contra censura de material didático por Doria, 05/09/2019. Último acesso em 02/10/2019 às 08:51.

campo? Porque? Encontra diversão no assentamento? Quais? Existe acesso próximo a atividades/ produções artísticas, música, pintura ou teatro? Como você vê o trabalho no campo? Participa das lutas e mobilizações? Porque? Quanto tempo (mais ou menos) você assiste televisão por dia? Você é muito consumista? Quais tipos de consumo acha essencial para você?

A pesquisa bibliográfica nos possibilita variadas informações, e foi este um dos caminhos de minha pesquisa. Por ser o primeiro contato com esse conteúdo em uma pesquisa, as fontes foram limitadas porém procurei dialogar com autores que a meu ver tratam muito bem desse assunto de cultura, arte e identidade Sem Terra. Como Paulo Freire, Ademar Bogo e Teixeira Coelho. Os quais nos possibilita dialogar com as questões tendo um olhar para uma ação cultural libertaria, compreensão da indústria cultural, o que é cultura e arte e o mais importante o que estas têm de importante para a identidade Sem Terra.

O artigo está dividido em três tempos. Primeiro tempo: O Assentamento Eli Vive I e II; o qual descreve a história dos Assentamentos e o movimento que o mesmo está inserido (MST). No segundo tempo temos; A arte e a cultura no assentamento Eli Vive II: onde temos a descrição dos sujeitos ali inseridos em relação a arte e a cultura, o que é cultura e os embates que estes sujeitos tem em relação a indústria cultural do capitalismo e marcas artísticas do Assentamento. No terceiro tempo teremos; O papel da arte e da cultura na construção da identidade Sem Terra: com reflexões sobre o tema procurando descrever aqueles sujeitos ali inseridos através de suas produções coletivas e artísticas.

1. O ASSENTAMENTO ELI VIVE I e II:

O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) tem sua história marcada por lutas e enfrentamentos que por vezes foram sangrentos, porém marcado por uma organização coletiva que abrange a totalidade do território brasileiro.

A luta pela Reforma Agrária é uma das principais bandeiras do MST desde seu surgimento em 1984. A qual tem por intuito a redução das desigualdades sociais no espaço agrário brasileiro, espaço este marcado por conflitos e disputas territoriais entre os latifundiários (agronegócio) que concentram grandes quantidades de terras, e os sem-terra, quilombolas, indígenas, dentre outros sujeitos que buscam no campo um lugar para sobreviverem.

A Reforma Agrária para o MST não se limita ao acesso a terra. Abrange a luta pela educação do campo com uma educação de viés pedagógico libertador e dialógico. Por saúde, moradia, cultura e arte, estradas, alimentação saudável e recursos para os assentados se fortalecerem no lote e produzir agroecologicamente.

O Assentamento Eli Vive⁶ foi uma conquista do MST e seus militantes que, em uma disputa que gerou violência e expulsão se mantiveram firmes na luta e na conquista do território. As fazendas Guairacá e Pininga, onde estão localizados o Assentamento Eli Vive I e II, no ano de 1970 deixaram de ser uma fazenda de café para tornarem-se uma fazenda destinada à pecuária. Esse novo modelo de produção agrícola modificou totalmente a forma de organização das fazendas: no modo de trabalho, na quantidade de trabalhadores, na produção e nas estruturas físicas da fazenda.

No ano de 1990 iniciou-se a luta pela terra na fazenda Guairacá, pois o movimento considerava a área improdutiva, desta forma, o MST organizou-se para a ocupação da área. Após três meses de acampamento as famílias foram violentamente despejadas resultando em grande número de feridos e dispersão das famílias.

Nesta ocupação, destaca-se a presença da companheira Iraci Salete Strozak, a qual ajudou na organização desta ação e no processo de resistência das famílias acampadas. Após o despejo, o MST toma o desafio de continuar reivindicando a área para que fosse destinada à Reforma Agrária, o movimento considerava a ação dos fazendeiros um desrespeito as famílias, durante o despejo da primeira ocupação, decidiram-se que a conquista do local seria pelo processo de luta do Movimento.

Em 2009, após longo processo de negociação entre o dono da fazenda e, o Instituto de Colonização e Reforma Agrária – INCRA, o MST organizou-se novamente para a ocupação da fazenda Guairacá. Neste segundo momento, a ocupação se deu de forma pacífica. Assim, a partir de fevereiro de 2009, 120

⁶ As informações a seguir foram retiradas de um estudo (Inventário da realidade) feito com os moradores do Assentamento e documentos disponíveis pelos assentados, estudo esse solicitado aos educandos da região do Assentamento do curso Realidade Brasileira e seus pensadores. Alzira Rodrigues, Douglas Cristian Coelho, Edna Cristina Carvalho, Joselita Silva Rodrigues (Extensão), Luiz Fernando Scarcella, Mauricio Ferreira de Oliveira, Solange Queiroz Ribeiro, Vanessa Correa. **Inventário da Realidade do Assentamento Eli Vive I e II– Londrina/PR. 2018**

famílias deslocaram-se para a referida área com objetivo de garantir a posse da terra, enquanto o INCRA e o proprietário continuavam as negociações.

Após a compra da terra pelo INCRA foi liberada a vinda de novas famílias para reunir com o grupo que já encontravam acampadas. Desta forma, foi liberada a construção de um novo acampamento onde era a sede da fazenda, isto ocorreu depois que o proprietário tinha tirado todos os seus bens, e a maioria dos seus agregados saído do local, entre os empregados da fazenda alguns escolheram acampar, a fim de conquistar sua própria terra.

Neste contexto de lutas, foram deslocadas famílias dos acampamentos 1º de Agosto, do município de Cascavel, e Maila Sabrina, município de Ortigueira para unir com os demais acampados. Ambos os acampamentos eram constituídos por um grande número de famílias Sem Terra que há anos lutavam por um pedaço de terra, além destes municípios, famílias pertencentes à cidade de Londrina, também se juntaram ao grupo, entre outros de diversos municípios do estado, mas entre estes municípios uns destacavam-se pela maior de quantidade de acampados, tais como; Cascavel, Porecatu, Ortigueira, Tamarana, Jacarezinho, Rio Branco do Ivaí, dentre outros.

No início foram formados pequenos acampamentos em vários pontos estratégicos para garantir a conquista da terra. Num primeiro momento, aproximadamente 90 famílias vindas do acampamento Maila Sabrina permaneceram por uma semana num determinado local. No entanto, a dificuldade de acesso a água, “obrigou” o deslocamento dos acampados para outro lugar que facilitasse o acesso a água.

Neste contexto de luta pela terra surgiu a necessidade de lutar pela implantação de uma escola no acampamento. Com a vinda de novas famílias discutiam-se a necessidade de formar uma escola no espaço do acampamento para as crianças e adolescentes darem continuidade aos estudos, para que estes permanecessem seguindo a lógica do movimento, educação voltada pela permanência na terra.

Em fevereiro de 2009, deu-se início as aulas, no primeiro momento, a escola teve seu funcionamento como extensão das Escolas Itinerantes Zumbi dos Palmares e Caminhos do Saber, pois os educandos estavam regularmente matriculados nestas escolas, em agosto de 2009 foi criada a Escola Itinerante Maria Aparecida Rosignol Franciosi, vinculada a Escola Base/Colégio Estadual Centrão, no

assentamento Pontal do Tigre, município de Querência do Norte-PR.

Em fevereiro de 2011, com a implantação dos anos finais do ensino fundamental e Médio a Escola passou a ter como Escola Base o Colégio Estadual Iraci Salete Strozak, no assentamento Marcos Freire, localizado no município de Rio Bonito do Iguaçu-PR.

Após a divisão e sorteio dos lotes entre os acampados, o espaço do assentamento foi organizado por brigadas, duas brigadas no Eli Vive II, e as outras oito no Eli Vive I. E em 2013 as famílias começam ir para os lotes, embora as dificuldades pela falta de estrutura, como estradas, no qual dificultava o acesso dos educandos à escola, pois grande parte das estradas (secundárias) do assentamento era/são precárias, além do transporte não ser suficiente para deslocar todos os estudantes até a escola, muitos ficaram 3 anos sem estudar ou iam de condução própria, há também aqueles que caminhavam vários quilômetros até a estrada principal onde passava/passa o transporte.

Muitas conquistas foram alcançadas nestes anos de lutas, mas a luta continua, no espaço do assentamento há a necessidade de regularização do Colégio Estadual do Campo Maria Aparecida Rosignol Franciosi⁷, e a Escolas Municipais do Campo, Trabalho e Saber e Egídio Brunetto (Eli Vive II)⁸. Em 2017 foi conquistado mais 9 linhas de transporte (estradas secundárias) para o deslocamento dos educandos até a escola. Uns dos problemas que afetam o transporte escolar, e o deslocamento dos moradores são as estradas precárias, principalmente em dias de chuvas que dificulta a chegada do transporte até a escola, como também dos moradores saírem do assentamento quando há a necessidade de ir até a cidade.

Embora houve melhorias para os assentados, há muito o que se conquistar, a exemplo; a construção das estradas, e de novos prédios para funcionamento das escolas municipais, estadual e Posto de Saúde, essas conquistas são almejadas pelos moradores, e pelo conjunto da comunidade escolar⁹.

⁷ Colégio foi estadualizado no final do ano de 2016, e a luta para a construção do prédio pelo estado.

⁸ A Escola Municipal do Campo Trabalho e Saber continua como extensão da Escola Municipal do Distrito de Lerroville e Escola Municipal do Campo Egídio Brunetto já reconhecida, ambas lutas pela construção do próprio prédio próprio no assentamento pelo município.

⁹ O povo do assentamento tem se mobilizado para a conquista desses direitos. No dia 12 e 13 de setembro de 2018, os assentados foram até a prefeitura de Londrina para cobrar a realização das estradas, construção das escolas e de um posto de saúde para o assentamento. O prefeito pediu um tempo para essas realizações, porém o que realmente foi realizado foi um mutirão de saúde com profissionais que vieram até os assentados.

Uns dos fatores determinantes para a divisões dos lotes foram as características geográficas, a exemplo; solo e declividade do terreno, que decidiram que algumas famílias receberiam lotes com maiores quantidades de terras.

O assentamento está localizado onde era as antigas fazendas Guairacá e Pininga com extensão de 7.313,06 hectares, Guairacá com 5.826,52 hectares e Pininga com 1.486,54 hectares, estas duas fazendas foram desapropriadas para fins de Reforma Agrária no ano de 2013, desta forma, foram assentadas 540 famílias de agricultores sem-terra, no município de Londrina a área é a única destinada para Reforma Agrária. No entanto, em 2016 foi ocupada entorno de 300 famílias de sem-terra a fazenda do falecido deputado José Janene, considerada terra improdutiva pelo movimento, com 200 hectares de terras, localizada próximo ao assentamento Eli Vive I. Como já citado anteriormente cada família conquistou o lote, porém as divisões dos lotes ocorreram de acordo com a declividades do terreno, as quantidades de terras variam de 8,00 a 13,673 hectares de terra.

Após as famílias deslocarem para seus lotes, em alguns locais do assentamento, as famílias se organizaram em grupos para melhorar a estrutura das estradas (estradas secundárias/galhos) para ter acesso a estrada principal, quando necessitam ir ao centro do assentamento, a escola ou ir para a cidade de Londrina, Tamarana ou ao Distrito de Lerrovillle.

Para escoar as produções dos seus lotes, alguns moradores se organizaram com intuito de anemizar partes dos problemas, conforme suas condições financeiras, em relação aos recursos disponibilizados pelo governo, até o momento foi acessado apenas o fomento e o BSM - Brasil Sem Miséria pelos assentados. O INCRA ainda não disponibilizou outros recursos para investimento nos lotes, e por isso várias pessoas trabalham fora da comunidade como pedreiro, servente, bóia fria, diarista entre outras profissões para conseguir se manter e organizar o seu sítio para retirar dele seu sustento.

No Plano de Desenvolvimento do Assentamento - PDA foi planejado três linhas de produção que são: cafeicultura, produção leiteira e horta. As escolhas das linhas de produção foram feitas nas brigadas de 50 famílias.

Embora, alguns assentados se organizaram, mas outros não, devido as questões físicas que comprometem as estradas e a retirada dos alimentos da

maioria dos sítios e também por questões financeiras, muitos não conseguem organizar a produção e acabam arrendando suas terras para terceiros.

O PDA feito pela assistência técnica da Cooperativa Iguaçu de Prestação Serviços - COOPERIGUAÇU visa metas sociais que são: implantação de posto de saúde, cinema, esporte e lazer, acesso a internet entre outros, metas ambientais: trabalho com o lixo (reciclagem, aproveitamento, coleta seletiva), preservação de nascentes e rios entre outras questões ambientais, metas produtivas: produção de leite e comercialização pela Cooperativa de Comercialização e Reforma Agrária União Camponesa - COPRAN com instalação de resfriadores no centro da comunidade, doação de animais, melhoria na pastagem e centro de ordenha, produção de café e comercialização com a Comercialização e Reforma Agrária Norte Pioneiro - COANOP visando a plantação nas áreas, classificação, seleção e entrega ao consumidor. Produção de hortaliças com base na produção agroecológica e a comercialização por meio do Programa de Aquisição de Alimentos - PAA e Programa Nacional de Alimentação Escolar-PNAE com recebimento no centro do assentamento e distribuição. Este projeto está previsto no plano, mas até o momento foram organizadas as linhas de produção de leite que são entregues a cooperativa COPRAN e a entrega de alimentos para o PNAE nas Escolas Estaduais, porém nem todas as produções são orgânicas.

As organizações técnicas que atuaram dentro do espaço de Reforma Agrária são as cooperativas formadas pelos próprios componentes do MST, neste espaço tinha duas cooperativas COPRAN e COOPERIGUAÇU que eram responsáveis de fazer o acompanhamento técnico com os assentados e comercializar a produção através do PAA.

Atualmente quem faz a assistência aos assentados é o Instituto Paranaense de Assistência Técnica e Extensão Rural – EMATER em convênio com o INCRA, por exemplo; a assistência ao Projeto Fomento Mulher e Brasil Sem Miséria - (BSM). No ano de 2017 foi organizado no assentamento a COPRAN, que surge a partir da demanda do projeto semente de milho crioulo, para o desenvolvimento do projeto necessitava da organização de uma cooperativa. Nos anos anteriores o assentamento participou do projeto através da cooperativa COPRAN, localizada no Assentamento Dorcelina Folador, município de Arapongas Paraná.

Com a demanda da cooperativa no Assentamento ELI Vive, foi dialogado com as demais cooperativas do estado e verificado a existência da COOPACON,

uma cooperativa iniciada em Querência do Norte a mais de 15 anos, e que funcionou por dois anos e estava congelada, mas com a documentação toda em dia, como havia pouco tempo para a abertura de uma nova cooperativa por causa dos tramites legais, a COOPACON foi transferida para o Assentamento Eli Vive I.

A cooperativa conta com 270 associados, é uma ferramenta de trabalho, venda e comercialização de milho e seus derivados (comércio interno e convencional), que futuramente pretende-se implantar o processo de industrialização dos derivados de milho, tais como; fubá, quixerinha, canjiquinha e creme de milho.

Outro projeto que a cooperativa administra é, o do feijão crioulo, cuja a produção é oriunda do próprio assentamento, e conta com 42 produtores envolvidos no projeto, este projeto já exportou feijão para a Venezuela.

A cooperativa atende à demanda do Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE), adquirindo alimentos de hortifruti produzidos no assentamento e sítios entorno, e 50 produtores faz parte do PNAE, a demanda mensal é de 200 toneladas de alimentos, divididos em 23 itens para as escolas estaduais de Londrina e região, o que proporciona melhores preços e a garantia da comercialização da produção camponesa. Futuramente o desafio é a produção orgânica para a entrega no PNAE, o que já existe planejamento com os produtores, em Imbaú, 20 agricultores trabalham com produção orgânica no projeto do PNAE.

Outra produção importante no assentamento é a produção de leite com 59 produtores, os veículos de coleta foram cedidos pela COOPACON para a COPRAN que recolhe 50 mil litro de leite por mês/ participação nos programas municipal e estadual de leite/ cada linha tem uma coordenação, os desafios para escoar a produção estão relacionados a infraestrutura (estrada), pois está são precárias, e em dias de chuva dificulta o escoamento do leite.

Os associados também são beneficiados em horas/máquinas para a preparação do solo e semeadura das sementes. Os implementos agrícolas foram adquiridos por meio de uma emenda parlamentar para Associação ACAEV, que atualmente trabalha em conjunto com a cooperativa, embora a cooperativa está desenvolvendo projetos junto aos assentados, projetos estes que contribui no desenvolvimento do assentamento, há a necessidade de muita luta para melhoria e surgimento de outros projetos que envolva os assentados na produção de alimentos orgânicos, pois este é o objetivo do movimento.

Através de uma resistência cotidiana o MST e seus assentados do Eli Vive produz em seu cotidiano arte e cultura que os fortalece. É esta arte e cultura que este artigo tem por objetivo descrever, a qual por vezes passa despercebida pelos assentados, mas que, porém, se torna no dia a dia um elo importantíssimo de resistência.

2. A ARTE E A CULTURA NO ASSENTAMENTO ELI VIVE II:

Como este artigo não tem por objetivo descrever uma macro pesquisa, focaremos no assentamento Eli Vive 2 na região de Londrina no Paraná neste período de 2019. Seus sujeitos, suas compreensões do que vem a ser cultura e suas ações em relação à cultura e a arte.

Primeiramente partiremos da concepção de cultura construída no Movimento Sem Terra (MST). Ademar Bogo (2000) define como cultura tudo o que fazemos para produzir nossa existência, o que criamos, o que desenvolvemos, o que realizamos, desde a construção dos barracos para moradia nos acampamentos até mesmo as reuniões organizativas da vida comunitária. Refere-se ao que coletivamente transforma o cotidiano e implica inclusive na forma de pensar, transformando-se sucessivamente em cultura, e no caso do MST, abrindo possibilidades para uma nova cultura.

Nas palavras do autor:

Por que não podemos considerar cultura somente aquilo que está ligado com a arte. A arte é a capacidade que o ser humano tem de criar. Logo, temos capacidade de criar músicas, mas também criamos as lutas, as escolas, os barracos, as casas, o método de fazer reuniões, as marchas, etc. Significa que tudo isso vai se transformando em cultura. [...] Logo chegamos a uma conclusão muito simples, que cultura, trabalho e existência estão interligados. Por isso definimos que cultura é tudo o que fazemos para produzir nossa existência. (BOGO, 2000, p. 6;8)¹⁰

Essa perspectiva acima mencionada é assumida pelo MST como um todo, e se expressa cotidianamente na sua forma organizativa, suas prioridades e suas pautas.

Teixeira Coelho (1980), um autor que analisa o papel da indústria cultural, também afirma que cultura é o que move o indivíduo ou um coletivo. É tudo aquilo

¹⁰ BOGO, Ademar. **MST e a cultura**. Caderno de formação nº 4, *Coletivo Nacional do Setor de Cultura e Educação*. São Paulo: MST, Outubro de 2000.

que depois de construído não se dissolve, mas o diferencia. A cultura diferente do que muitos museus e galerias pregam como construções artísticas, não é um objeto a ser transformada em mercadoria para obtenção de lucro. A cultura comercial tem por objetivo diluir identidades, diferenças e escamotear valores. Devemos ser contra o monopólio dos meios de representação da “realidade” (mídia, teatros, museus...), precisamos construir culturas e artes numa perspectiva para além do capital e para isso é preciso qualificar militantes para que em um processo coletivo se forje novos valores.

Existe uma imensa pluralidade de culturas, porém as mesmas não podem ser geradas em série como um produto industrial, porém sob a hegemonia capitalista são transformadas em produtos industriais a serem vendidos, consumidos, em mercadoria. Teixeira descreve que:

Nesse quadro, também a cultura — feita em série, industrialmente, para o grande número — passa a ser vista não como instrumento de livre expressão, crítica e conhecimento, mas como produto trocável por dinheiro e que deve ser consumido como se consome qualquer outra coisa. E produto feito de acordo com as normas gerais em vigor: produto padronizado, como uma espécie de *kit* para montar, um tipo de pré-confeção feito para atender necessidades e gostos médios de um público que não tem tempo de questionar o que consome. Uma cultura perecível, como qualquer peça de vestuário. Uma cultura que não vale mais como algo a ser *usado* pelo indivíduo ou grupo que a produziu e que funciona, quase exclusivamente, como valor de troca (por dinheiro) para quem a produz.¹¹ (COELHO, 1980, p. 06 e 07)

A obra cultural ou artística não deve ter mais valor do que o ser humano que a produziu. A questão cultural afirma Teixeira (1980), passa a partir da Segunda Guerra Mundial a se transformar em uma abordagem social e não patrimonialista. Tirando o foco da obra para o autor, ou seja, a obra com característica patrimonialista tem por objetivo apenas a dominação individual e a realização pessoal a tendo como patrimônio. Já em um sentido social, a obra passa a servir a sociedade não necessariamente com interesses econômicos.

Essa concepção influencia na vida cotidiana, instigando a equívocos como, por exemplo, a transformação da ação cultural em instrumento de lazer para o

¹¹ COELHO, Teixeira. **O que é indústria cultural**. Coleção Primeiros Passos, coleção 8. SP: Editora Brasiliense, 1980. Disponível em <http://groups.google.com.br/group/digitalsource> . Acesso em junho de 2019.

tempo livre, que precisa ser comprado, consumido. Essa dissociação da produção cultural e artística cotidiana, social, em uma mercadoria a ser consumida revela o método muito utilizado inclusive pelos bem intencionados na questão cultural e artística.

Teixeira alerta que na medida em que cultura e a arte são apenas objetos de lazer e preenchimento de um tempo vazio, contribuem enormemente para o processo de alienação e submissão a este sistema capitalista. Conforme suas palavras:

Nunca será demais alertar contra a tendência de fazer da ação cultural, por exemplo, um instrumento de lazer para o tempo livre. A preocupação com o lazer vem revestida das cores do humanitarismo: "é preciso ajudar as pessoas a matar o tempo com dignidade" - o que a rigor significa ajudá-las a se matarem sem espernear e sem sujar muito o ambiente. O que nem sempre se diz é que se procura dar-lhes formas de ocupação do tempo livre para que não venham a usar esse tempo contra a sociedade, movidas pelas energias liberadas pelo tédio, pelo amargor e pela frustração. [...] O que se pretende é dar a essa população alguma coisa com que ocupar mãos e mentes vazias na esperança de que as mãos deixem de avançar sobre bolsos mais recheados ou vidas mais coloridas, e as mentes, de ter sonhos inconvenientes. A esses objetivos se soma um outro, pouco mais digno mas que acaba dando na mesma, e que consiste em preparar pessoas para um profissão através da cultura ou em recuperar socialmente (isto é, segundo as normas privilegiadas pela classe dominante) atividades marginais com algum aspecto estético ou cultural. (COELHO, 1980, p. 45 e 46)

Teixeira (1980) nos abre a "brecha" para então falarmos desta outra tendência - o uso da cultura e da arte para a preparação profissional ou recuperação dos sujeitos descritos como marginais. Será esta uma ação cultural, ou uma mera instrumentalização como descreve Teixeira? Não dá para minimizar ações culturais que perpassam nossa existência em meros instrumentos de alienação sob a hegemonia capitalista, que usa da cultura e arte como remédios que amenizam a existência dos problemas que ele mesmo gera.

É por isso que a cultura e a arte em uma ação libertadora como afirma Freire deve ser algo de conhecimento tanto de educador/educando, deve ser mediatizada em uma ação de reconhecimento e "admiração". "Desta forma, a capacitação técnica dos camponeses jamais se reduziria à transferência de receitas tecnicistas e se faria uma atividade realmente criadora." (FREIRE, 1981, p, 29) sendo o mais importante acompanhada de um reconhecimento das técnicas que o aprisionava e os silenciavam, para que posam se fortalecer como sujeitos críticos.

Com essas reflexões iniciais, remetemos nosso olhar para o Assentamento Eli Vive 2, onde os pais buscam acesso de seus filhos na Guarda Mirim¹². Este tem por objetivo atender jovens em situação de vulnerabilidade social e pessoal e oferece educação profissional de qualidade e formação cidadã. Porém no pólo da Guarda mirim que fica no distrito de Lerroville, onde se encontra o assentamento, há oferta somente do Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos – SCFV, o qual desenvolve oficinas de convívio social realizadas no contraturno escolar.

Dentre estas oficinas destacamos a de pintura, desenho e cordéis. Outras ações nesse âmbito eram desenvolvidas como: festas típicas; estudo sobre questões que permeiam a juventude e as responsabilidades sociais; e outras ligadas à arte-cultura e esporte-lazer.

Muitas foram às tentativas de acesso dos jovens do assentamento a esse projeto, porém a falta de transporte foi o que dificultou, pois os jovens de 08 a 18 anos não conseguiam chegar a Lerroville após a aula. Em reuniões com os coordenadores do projeto e o assistente social, os pais e mães revoltavam-se pelas dificuldades objetivas de participação de seus filhos. Muitas vezes demonstravam mais preocupação em “achar o que fazer para seus filhos” que não fosse o trabalho na roça, do que em saber o que realmente esse projeto trazia, e se os conhecimentos ensinados condiziam com os valores e cultura que buscavam ser construídas na dinâmica comunitária de luta pela terra.

Infelizmente, vivemos em uma sociedade que cada vez mais nos ensina a aceitar sem questionar o que vem pronto. Contentamo-nos com o pouco que nos é oferecido e esquecemos que somos capazes de produzir, e quando produzimos somos ensinados a desvalorizar ou deixar em segundo plano.

Numa pesquisa de campo feita pelo assentamento, a maioria das pessoas (jovens e adultos) responderam que cultura é a forma com que lidam com a terra, o trabalho e o que aprenderam com seus pais e avós em relação a plantios, sementes e o não uso do agrotóxico. O que nos faz indagar, porque na reunião sobre o projeto da Guarda Mirim, as falas que mais contundentes foram: “dar a nossos filhos o que fazer” e “tirar eles do trabalho da roça!”. Como se este tipo de trabalho devesse ser superado já que não é isso que querem para seus filhos.

¹² Todas as informações sobre a Guarda Mirim foram retiradas do site da Guarda Mirim de Londrina. Disponível em: <http://www.guardamirimlondrina.org.br/>. Acesso em 10 de julho de 2019.

Sabemos que o desenvolvimento capitalista no campo cada vez mais busca desvalorizar a agricultura familiar em detrimento dos grandes latifúndios e empresas transnacionais para a produção de *comoditties*, projetando no campo e nas cidades um modo de vida a ser seguido. Um dos meios que promovem a alienação destes sujeitos é a grande mídia de massas que se torna um caminho diversão e lazer utilizado por todos do assentamento, e assim como nas cidades, vem transformando sujeitos cada vez mais em meros receptores de informações prontas, e inibindo as habilidades de crítica sobre e de identificação das contradições existentes entre a vida material e as projeções apontadas nos programas televisivos. Teixeira (1980) explica que as informações veiculadas pela mídia de massas forma:

[...] no indivíduo receptor uma consciência sob a forma de mosaico, composta por retalhos de coisas vistas rapidamente, numa tela onde se multiplicam e se sucedem imagens desconexas a impedir, para esse indivíduo, uma visão totalizante de si e de seu mundo, provocando, dessa forma, o processo de alienação. Como se dá esse procedimento [...] num dos veículos da indústria cultural, como a TV? Basicamente, através da multiplicação não de informações, mas de trechos de informações, apresentadas como que soltas no espaço, sem reais antecedentes (a não ser a eventual repetição anterior de informações análogas à em tela, mas que não são sua causai e sem consequentes. E essas "informações" não revelam aquilo que lhes está por trás, mas servem exatamente para ocultar o que representam; servem para interpor-se entre o receptor e o fato, e não para abreviar o caminho entre ambos. No máximo, dão do objeto algumas "qualidades indicativas", como já se disse, que eventualmente revelam alguma propriedade desse objeto, dando ao receptor a impressão de conhecê-lo através disso — quando na verdade essa propriedade é quase sempre accidental, superficial. E esse esquema se repete no rádio, no jornal, no filme de aventuras — mas também na escola e no cotidiano. Somente a criança de pouca idade, ainda não submetida maciçamente à ação da indústria cultural e da *sociedade em geral* (e, mesmo, da *sociedade anterior* à indústria cultural), consegue furtar-se a esse esquema. Ela é capaz de pensar iconicamente, sentindo ou intuindo o significado pleno das coisas sem se preocupar com fornecer-lhes razões "lógicas". [...] O que ela faz, na verdade, é pôr em prática o processo da semiose¹³ ilimitada, ou processo infinito de formação da significação em que um signo leva a outro, e um conceito a outro, sem fim previsível para a cadeia formada. Logo, porém, essa criança entrará no pelotão dos adultos que, em virtude da "educação" recebida, do conformismo, da lei do menor esforço, do sentimento injustificado de vergonha e de uma série de outros motivos, deixam de perguntar-se e perguntar aos outros sobre os antecedentes e consequentes de um conceito — ficando assim prontos para entrar no esquema indiciari de que se serve, mas não só ela, a indústria cultural. Passam a contentar-se com "dados" que saem do nada e levam a parte alguma, e acomodam-se a

¹³ Semiose: termo relacionado a ação, a atividade dos signos. Na geração dos significados na mente do interprete, a semiose é o processo transformador dos fenômenos existentes no universo real da experiência, que, através da relação dialética entre mente interpretadora e signo, transforma o fenômeno-experiência. Semiose ilimitada é dar a um signo não apenas uma interpretação, é interpreta-lo de várias formas interligando um signo ao outro.

esse universo vazio de significação em que se transformam suas vidas. (COELHO, 1980, p. 31 e 32)

Os valores e a visão de mundo passam a ser transmitida diariamente pela mídia dentro da casa de cada camponês deste assentamento. Sabemos que a pouco tempo tivemos a distribuição de conversor digital pelo governo para aqueles que recebem bolsa família. O Estado reconhece a importância deste veículo de comunicação para implementação de suas ideias, mas ao mesmo tempo não garante direitos constitucionais, recursos para os camponeses se manterem no lote e nem uma moradia ou uma estrada transitável para estes assentados, porém garante um conversor para todos os pobres. Ou seja, pode faltar comida, menos uma TV para garantir o seu controle mental.

No Assentamento Eli Vive 2 temos uma Escola Municipal construída coletivamente pelas 105 famílias da comunidade. É um local que após ser municipalizada perdeu um pouco a identidade e a participação da comunidade, devido às questões administrativas e à burocracia. Porém, neste ano de 2019, uma mudança de gestão na escola vem possibilitando uma maior abertura para a participação da comunidade, inclusive tendo a participação do grupo de mulheres na manutenção e manejo da horta escolar.

Por ser uma comunidade de identidade Sem Terra, a mesma se caracteriza por sua diversidade de sujeitos que vêm de várias regiões do Paraná, mas principalmente se define pela luta comum travada coletivamente, seja na luta pela terra ou pela educação. A comunidade construiu com suas próprias mãos cada sala e coletivamente estudos e debate na formulação do Projeto Político Pedagógico (PPP) da Escola.

Infelizmente, temos relatos obtidos a partir da pesquisa de campo, em que a comunidade que não se reconhece que a escola faz parte da cultura de luta desta comunidade. Temos pais e mães que preferem colocar seus filhos na escola da cidade (Lerrovilla) justificando que a estrutura e o ensino da escola do assentamento não são adequados. Persiste aí o pensamento de que é mais fácil não fazer parte, já que quando isso acontece temos que interferir, agir e transformar coletivamente.

Paulo Freire (1981) afirma em sua obra *Ação Cultural para a Liberdade*, que:

Os camponeses desenvolvem sua maneira de pensar e de visualizar o mundo de acordo com pautas culturais que, obviamente, se encontram marcadas pela ideologias dos grupos dominantes da sociedade global de que

fazem parte. Sua maneira de pensar, condicionada por seu atuar ao mesmo tempo em que a este condiciona, de há muito e não de hoje, se vem constituindo, cristalizando. E se muitas destas formas de pensar e de atuar persistem hoje, mesmo em áreas em que os camponeses se experimentam em conflitos na defesa de seus direitos, com mais razão permanecem naquelas em que não tiveram uma tal experiência. Naquelas em que a reforma agrária simplesmente aconteceu. (FREIRE, 1981, p. 27)

Além da construção coletiva de uma escola com perspectiva emancipadora, temos no assentamento outras expressões culturais, como por exemplo, as festas. Mesmo sabendo que na visão dos entrevistados da comunidade o trabalho como dimensão cultural é o mais valorizado, é importante mencionar que as festas se tornaram um ponto de encontro daqueles sujeitos.

Em muitos discursos vemos a falta de interesse na organização das festas do assentamento. Estas festas são de ajuda coletiva (com produtos para o bingo, alimentos para almoços, ajuda na ornamentação do espaço...), a comunidade vem cada vez mais rejeitando essa ajuda. Um dos motivos mais forte vem a ser a falta de confiança nos dirigentes que atuam na comunidade, sendo eles alvos de críticas em relação ao investimento dos lucros das festas, que muitos não sabem o destino dado ou não acreditam nas explicações dadas por eles.

Porém mesmo sendo estas festas alvos de várias críticas, a comunidade falha em sua organização, porém em um número bem significativo vem participando da festa em si, inclusive com forte participação dos moradores do entorno do assentamento, mas os assentados ainda continuam por não valoriza-la em seus discursos ligando-as inclusive a vadiagem e a baderna.

Essa rejeição da comunidade em relação ao prazer e a diversão, vem de um processo alienante que tudo que não está ligado ao trabalho está ligado a vadiagem.

Infelizmente como afirma Teixeira (1980) este pensamento (trabalho e vadiagem) perpassa com seus resquícios, inclusive pela visão de uma esquerda política, que não consegue ver que lutar por formas de prazer e lazer como por exemplo, a festa dos assentados citada a cima que também é uma forma de cultura, dignifica tanto quanto lutar por melhores formas de trabalho. A classe trabalhadora precisa do prazer para sua libertação e edificação.

Coelho (1981) analisa que:

[...] na medida em que para a direita sempre interessou o controle do prazer em benefício da pro mais lucros. Está aí toda uma ideologia de defesa do trabalho a confirmá-lo. Pretende-se sempre fazer crer que o trabalho

dignifica, que o trabalho é o veículo da ascensão, que o trabalho é a salvação — quando, no quadro social em que vivemos (de divisão das atividades e distribuição desigual da renda, para dizer o mínimo), é patente que ele não é nada disso. Nesse quadro pintado pela direita, o prazer — sob sua forma diminuída: a diversão — só é admitido esporadicamente (feriados, férias) e mesmo assim apenas como elemento reforçador do trabalho (na medida em que recompõe as forças do trabalhador, permitindo a continuidade da exploração destas) e nunca como seu oposto. Eficácia, rendimento e prazer são coisas que não rimam, nesta sociedade de extermínio do homem em que vivemos. (COELHO, 1980, p. 15 e 16)

As festas do Assentamento em sua maioria são construídas a partir do objetivo de arrecadar verbas para custear ações planejadas da própria organização, seja ela de grupo de mulheres, ou religioso. Uma das grandes festas realizadas pela comunidade é a Festa da Batata, que surgiu desde o começo do assentamento sendo uma expressão da grande produção de batata doce na época. Hoje em dia não há mais tanta ênfase no plantio de batata doce, sendo o café e a vassoura uma produção mais expressiva.

A festa ocorre sempre no mês de setembro ou outubro, e mesmo não tendo grandes plantios de batata doce, a mesma ocorre carregando o mesmo nome, trazendo pessoas de toda a região para seu grandioso bailão com a participação marcante da banda do Assentamento Geração Nativa. A festa se tornou uma comemoração pelo plantio, colheita de qualquer que seja a produção e vinda para o lote.

No começo, tínhamos uma festa de construção mais coletiva. Arrecadações de alimentos feitos de batata doce para a venda na festa, ajuda da comunidade na ornamentação e organização do local. Porém as festas atuais vem sendo cada vez mais organizada por um pequeno grupo sem uma atuação forte da comunidade.

Outra festa de grande expressividade é a festa da Comitiva Eli Vive, formada recentemente. Esta festa vem para os amantes de cavalo, bota, fivela e chapéu sendo a cavalgada e o bailão o que chama a atenção de homens, mulheres e crianças. A região tem várias festas com essas características. O agronegócio com suas exposições grandiosas (ExpoLondrina¹⁴) e a atuação forte de fazendeiros ao redor do assentamento vem disseminar sua cultura e suas características de pessoa do campo.

¹⁴ Exposição Agropecuária e industrial de Londrina realizada pela Sociedade Rural do Paraná envolvendo agricultura, pecuária, indústria e comércio. Tem duração mais ou menos de doze dias com festas, leilões, rodeio, festa da escolha da Rainha da expo e etc.

Já as mulheres que lutam pelo plantio orgânico, levam para as regiões em feiras o seu produto. Realizam festas com bazar, bingo, feijoada, pastel, café da manhã com produtos da roça para visitantes, tornando-se assim, símbolo de organização e luta para todos do assentamento. O Assentamento já pode comemorar por ter um lote que já se encontra certificado como um lote de produção orgânica, mais uma vitória do coletivo de mulheres.

Já as festas religiosas são trazidas pela religião Católica e a Assembleia de Deus. Essas são as duas religiões que através de seus fiéis fazem momentos de encontros com louvor e confraternização. A Assembleia de Deus é um pouco mais fechada tendo esses momentos somente para seus fiéis. Já a Católica realiza festas mais abertas com baile, almoço, bingo e missa.

Temos também as festas Juninas e por vezes Julinas ou agostinhas, sendo estas feitas tanto na escola quanto para a comunidade. Acompanhadas de grandes fogueiras, danças, baile, quentão, maçã do amor e entre outros.

O Assentamento Eli Vive 2 que junto com o Assentamento Eli Vive 1 se torna um coletivo maior, tem uma banda em comum chamada Geração Nativa. Formada por companheiros que fazem parte destas comunidades e que são presença garantida em todas as festas das comunidades. As pessoas apreciam bastante os bailes da comunidade, que para grande maioria é uma das melhores formas de lazer e convivência.

Outras formas de expressão cultural estão nos costumes e ensinamentos. No café que é oferecido para as visitas ou no chimarrão. Nos remédios caseiros indicados no relato de alguma dor, ou até mesmo numa simpatia com grandes relatos do quanto funcionam se vier acompanhada de fé. Estes ensinamentos passados de geração em geração vêm tanto para a “lida na roça” quanto pra a vida pessoal. Temos relatos de histórias como a de Pedro Malazarte, de cantorias ou até mesmo relatos de que se você observar a lua minguante é sinal de bons presságios, e deve cantarolar os seguintes versos: *“Benção dindinha lua, me dá pão me dá farinha para tratar da minha galinha que está presa na cozinha”*. *“O lua, lua, luar pega esse menino e me ajuda a criar”*. Vemos nestes sujeitos uma ligação forte com a natureza. Bogo (2000) afirma que:

Os costumes, comportamentos, valores, ensinamentos são heranças culturais que recebemos de nossos antepassados como se fossem objetos de uso, os utilizamos sempre que necessitamos e às vezes sem nos dar

conta. Por isso é que há culturas diferentes, pois além de tudo ela é produzida em um certo lugar com determinadas condições que não existem em todos os lugares. (BOGO, 2000, P. 10)

Mas também temos a arte espalhada por todos os cantos. Moças e rapazes que tocam violão, batuque, viola e sanfona. Mulheres que se expressam através de pinturas em pano de prato, crochê e costura. Está arte não tem grande expressividade, são pequenos focos com mais expressividade no ambiente familiar do que com a comunidade.

Os jovens filhos de assentados em sua maioria, não enxergam no campo um lugar de uma possível ascensão profissional. Na visão dos jovens, a falta de incentivo e de políticas efetivas e de qualidade fazem com que o campo perca o seu valor, ainda sobre a perspectiva deles, a “vida na roça” pra muitos jovens é desgastante e “sem emoção”. O emprego da expressão de linguagem “sem emoção” serve para nós advertir sobre a falta de áreas de lazer, centros de esporte e cultura próximas ao assentamento. A falta de estruturas que possibilitem uma melhor qualidade de vida, faz com que a cidade, na opinião deles, passe a ser o destino almejado de muitos jovens, como o caso dos Entrevistados que responderam em questionário relacionado a permanência no campo: “Não pretendo, na cidade tem mais recursos”. “Eu pretendo tentar ir para a cidade, porque eu quero trabalhar na cidade e acho que seria uma experiência nova para mim já que eu nunca sai do campo.” A partir destas falas podemos perceber novamente a omissão do Estado em cumprir com os direitos básicos do cidadão e a falta de mobilização da comunidade em reivindicar áreas destinadas ao lazer, esporte e cultura visto que estes itens também são agentes responsáveis pela qualidade de vida e permanência no campo. Inclusive o incentivo à musica, os quais muitos jovens tem interesse pelos instrumentos e fazem deles uma forma de lazer e instrumento de luta.

A música faz parte da mística, ela praticamente liga o objetivo com o subjetivo, revela um artista em cada ser humano que, por conta própria, desenvolve seus próprios sons. Nos encontros que realizamos, a música é o elemento iniciador de todas as sessões como em um nascimento. Os participantes ajudam os violeiros batendo com as palmas das mãos, para entusiasmar a participação. É um profundo elemento conscientizador. É preciso, porém adequar as músicas aos momentos e estabelecer os temas que fazem parte da existência camponesa, que fica cada vez mais fragmentada pela interferência do mercado. (BOGO, 2002, p, 58)

O batuque e o violão têm grande expressividade nos grupos de jovens, encontros da comunidade, reuniões e manifestações. São estes instrumentos que puxam e animam a companheirada. É a produção artística dentro da cultura, a qual, a comunidade se identifica, se tornando uma forma de luta, e molda a identidade Sem Terra. Sendo este tema, no capítulo a seguir, tratado com mais intensidade.

3. O PAPEL DA ARTE E DA CULTURA NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE SEM TERRA:

A cultura como vemos é tudo aquilo que perpassa o tempo e se constrói coletivamente. Os sujeitos Sem terra têm no seu dia a dia muita cultura, que vai desde produções artísticas a formas de luta e organização. Os mesmos no Assentamento Eli Vive II mantem a cultura do respeito a natureza com o fortalecimento do grupo de mulheres, mantém o respeito as religiões e se mantem firmes na formação de uma nova pedagogia de educação.

Cada vez mais a cultura se tornará consciência, porque tudo o que fazemos e sentimos constituirá a existência de nossa organização. Assim a educação, a religião, o trabalho, a mecanização, a preservação da natureza, a agrovila, a agroindústria, a beleza nos assentamentos, as músicas, a mística, enfim, tudo o que existe ou acontece no assentamento é a cultura dos trabalhadores Sem Terra, que se manifesta e transforma-se em consciência social na medida em que as pessoas passam a repetir tais manifestações de forma consciente e se preocupam em desenvolver aspectos para aperfeiçoar a construção da existência social nas áreas de reforma agrária. (BOGO, 2000, P. 06 e 07)

O sujeito Sem Terra se forja na lida do trabalho no dia a dia. Com suas formas empíricas de lidar com a terra por vezes não compreende que seu conhecimento vem de seus antepassados e que estes são sua cultura, seu modo de ser camponês. Porém este sujeito não está parado no tempo, tem com o MST formações constantes que possibilitam compartilhar conhecimento e adquirir novos, forjando assim sua cultura camponesa de cuidado com a natureza e aprendendo novas técnicas de melhorar sua vida no campo. Um destes encontros é a Jornada de Agroecologia, evento que tem um dos organizadores o MST, e é um dos maiores eventos de incentivo às práticas agroecológicas no Brasil. Ali os camponeses participam de oficinas, palestras e exposições.

Este tipo de ação cultural, reinsistamos, só tem sentido quando tenta constituir-se como um momento de teorização da prática social de que

participam os camponeses. Se se aliena desta prática, se perde, esvaziada, num puro blá-blá-blá. Finalmente, a ação cultural como a entendemos não pode, de um lado, sobrepor-se à visão do mundo dos camponeses e invadí-los culturalmente; de outro, adaptar-se a ela. Pelo contrário, a tarefa que ela coloca ao educador é a de, partindo daquela visão, tomada como um problema, exercer, com os camponeses, uma volta crítica sobre ela, de que resulte sua inserção, cada vez mais lúcida, na realidade em transformação. (FREIRE, 1981, P, 30)

O MST tem consciência de que nenhum conhecimento deve ser desconectado da realidade do sujeito. É por isso que os eventos são feitos pelos próprios sujeitos, onde os mesmos tem oportunidade de apresentar e discutir os problemas partindo de sua realidade local.

Problemas estes que vem de forma alienante para menosprezar os seus conhecimentos e cultura. Arrendatários, venenos, propaganda midiáticas e entre outros, fazendo com que muitos destes sujeitos prefiram formas rápidas de ganhar dinheiro mesmo que esta forma prejudique o meio ambiente. Sabemos que,

Daí que não possa compreender e, quando compreende, não dê a devida importância ao fato de que, transformando a realidade natural com seu trabalho, os homens criam o seu mundo. Mundo da cultura e da história que, criado por eles, sobre eles se volta, condicionando-os. Isto é o que explica a cultura como produto, capaz ao mesmo tempo de condicionar seu criador... Os obstáculos ao aumento da produção, com os quais se defrontam os técnicos no processo da reforma agrária, são, em grande medida, obstáculos de caráter cultural. A resistência dos camponeses a esta ou àquela forma mais eficaz de trabalho, que implicaria numa maior produtividade, é de natureza cultural. (FREIRE, 1981, P, 27)

O sujeito Sem Terra se forja também nas contradições. Ele é fruto de um sistema que não emancipa, pelo contrário, o controla e o manipula para a geração de mão de obra barata. Por isso que o MST luta por “Um projeto de Reforma Agrária que reestruture a totalidade da produção da vida social, o que implica novos valores, novos significados e o enfrentamento à hegemonia do capital.” (Teatro e Transformação social, 2007, p, 10).

O sujeito Sem Terra ainda tem preconceitos com a arte, mais vem de uma formação ideológica de cultura de massas imposta de que tudo relacionado ao lazer, prazer e criatividade é ruim, sobrando a ele apenas o trabalho braçal da roça. Mas em movimento e na luta vai aprendendo a apreciar e a fazer arte. As místicas, as manifestações e festas regadas por musica e o cotidiano nem que seja no âmbito familiar a arte ganha seu espaço.

A escola tem um grande papel na formação do sujeito Sem Terra. É nela que a visão das crianças amplia e compreende a totalidade. É por isso que o MST luta pela educação libertadora, tanto para os Sem Terrinhas quanto para os adultos e jovens. Exemplo disso está nos cursos de formação, EJA e cursos superiores dos movimentos sociais, que estão na batalha para que as universidades sejam da classe trabalhadora. O Assentamento tem vários jovens com cursos técnicos de agroecologia, cursos superiores de pedagogia, história e agronomia, ou seja, libertando as mentes para forjar nossa própria identidade e cultura.

[...] o caminho é continuar procurando os meios de pôr em prática uma ação cultural e uma ação política capazes de tornar as pessoas mais aptas a aproveitar a exposição forçada aos meios de comunicação de massa e a influir decisivamente no debate sobre a produção e o uso desses meios, de modo a evitar a consolidação da "sociedade sem oposição" descrita por Marcuse, aquela sociedade cuja reflexão crítica foi paralisada. (COELHO, 1980, P, 44 e 45)

A cultura e a arte liberta cabem a nós no dia a dia realizar uma ação libertadora capaz de libertar e não aprisionar os sujeitos. Não se pode impedir nossa capacidade criadora, mas podem reprimir e fazer com que não nos reconheçamos nela. Por isso cabe a nós forjar nossa própria identidade.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BOGO, Ademar. **MST e a cultura**. Caderno de formação nº 4, *Coletivo Nacional do Setor de Cultura e Educação*. São Paulo: MST, Outubro, 2000.

BOGO, Ademar. **O Vigor da Mística**. MST – Caderno de Cultura Nº 2. São Paulo: [S.I.], 2002.

COELHO, Teixeira. **O que é indústria cultural**. Coleção Primeiros Passos, coleção 8. SP: Editora Brasiliense, 1980. Disponível em <http://groups.google.com.br/group/digitalsource> . Acesso em junho de 2019.

COLETIVO NACIONAL DE CULTURA DO MST. **Teatro e Transformação Social**. Vol.2 Teatro Épico. SP: CEPATEC/FNC/MINC/00463/2006, Novembro de 2007.

FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade e outros escritos**. 5ª ed., Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1981.